

Fazenda instalou 222 km de mangueiras e 444.000 gotejadores em 20 ha. No pasto irrigado, a lotação é de 8 cab/ha.



FOTOS ARIOSTO MESQUITA



Pasto gota a gota

Fazenda do MS produz 80@/ha/ano com irrigação por gotejamento subterrâneo e viabiliza pecuária em pequena área

ARIOSTO MESQUITA,
de Nova Andradina, MS.

Em 2013, Hiury Emilio Izzo (38 anos) e seu pai, Gilmar José Izzo (68 anos) dispunham de uma pequena reserva financeira para investir. Era pequena para adquirir terras no sul do Mato Grosso do Sul ou no oeste do Paraná, onde a família mantém propriedades de pecuária de corte, mas poderia, se bem aplicada, ajudar a aumentar a produção da Fazenda Santana do Rio Abaixo, de 429 ha, em Nova Andradina, MS, que vinha “patinando” na atividade de recria/engorda a pasto de animais cruzados Nelore/Angus. Na época, a propriedade trabalhava com produtividade próxima à média brasileira, que segundo estimativas é de 4@/ha/ano. Pai e filho já haviam apostado em confinamento, integração lavoura-pecuária (ILP) e na produção de volumoso (silagem de cana e de sorgo) para encarar os meses secos e frios, com geadas, que todos os anos castigam a região. “Nada deu muito certo”, conta Hiury.

Neste momento, surgiu a ideia de irrigar uma pequena área para produção de milho-grão visando seu

uso no cocho para a terminação do gado no inverno. Por indicação de um amigo, os dois visitaram a Agrishow 2013, em Ribeirão Preto, SP, para conhecer um novo modelo de irrigação por gotejamento, cujas mangueiras são enterradas a uma profundidade de 30 cm da superfície, com espaçamento de 90 cm entre linhas e gotejadores a cada 50 cm lineares. A tecnologia, desenvolvida em Israel, prometia uma economia de 50% em água e energia em relação ao sistema de aspersão, além de levar adubo líquido direto à raiz da planta. “Uma injeção na veia, como muitos falam até hoje”, lembra Hiury. Entusiasmados, pai e filho fecharam contrato para instalar 222 km de mangueiras e 444.000 gotejadores em 20 ha, ao custo de R\$ 16.000/ha, duas vezes superior ao do sistema de aspersão.

Boa surpresa

A montagem da estrutura, entretanto, demorou mais do que o previsto. Para produzir comida para os meses secos, o milho teria de ser plantado até outubro de 2013, mas o sistema só ficou pronto no final de março de 2014. “Já era tarde para o cultivo de safrinha, por causa dos altos riscos de geada”, conta o pecuarista, também advogado atuante na região do Vale do Ivinhema. Foi nesse momento que o pai aconselhou: “Compre semente de capim e forme pasto”. Hiury abraçou a ideia, apesar da incerteza: “Eu havia visitado alguns projetos de irrigação de pastagens por pivô na região, mas nenhum existia mais”. Ainda assim, o produtor decidiu arriscar. O capim mombaça foi semeado em 14 dos 20 ha irrigados, depois divididos em 14 piquetes (1 ha cada). Hiury

ainda experimentou plantar milho nos 6 ha restantes. Apesar do plantio tardio, em 28 de março, colheu 120 sacas/ha. “Produtividade boa para a safrinha e para as condições climáticas da região”, avalia.

A surpresa, entretanto, veio do capim irrigado, que também é adubado pela mesma rede de mangueiras enterradas, em um processo chamado de nutri-ri-ri-gação (as plantas recebem os nutrientes dos quais necessitam diretamente na raiz, de forma gradativa). O resultado superou as expectativas. O pasto sustentou, em junho de 2014, 80 bois de 500 kg em média, lotação de 4,4 UA/ha. Como esses animais vinham de um semiconfinamento, Hiury continuou a lhes fornecer ração, mas eles não comiam. “Decidimos, então, suplementá-los apenas com sal mineral. Nem isso queriam. Depois, fui entender: esses bois estavam em um pasto de mombaça já amarelado e sofrido por causa da seca, em junho. Quando entraram na área irrigada, encontraram fartura de forragem tenra e priorizaram o consumo do alimento que mais preferem”, conta o produtor. O ganho médio diário foi de 1 kg/cab/dia e sobrou pasto. Esses animais foram terminados 70 dias depois, em 10 de setembro de 2014, com peso médio de 570 kg.

Hiury ainda plantou milho nos mesmos 6 ha no verão (2014/2015), obtendo produtividade de 227 sacas/ha. “Era milho que não acabava mais”, diz ele. O cereal foi usado como matéria-prima na pequena fábrica de ração da Fazenda São José da Prata, outra propriedade da família, de 2.080 ha, em Paranhos, MS, cujo rebanho de cria fornece bezerros para a unidade de Nova Andradina. Hiury logo percebeu, porém, que o cultivo do cereal exigia muito e o pasto irrigado se adequava melhor ao perfil pecuário da Santana do Rio Abaixo. “A gente já estava rodando 200 novilhas em 14 ha irrigados e o milho demandava muito tempo nosso, além de mão-de-obra com aplicação de insumos químicos e monitoramento”, conta. Novamente, ele ouviu a orientação do pai. “Plante só pasto”, disse “Seu” Gilmar. E foi assim que, em 2015, um projeto originalmente voltado à irrigação agrícola se tornou 100% pecuário e hoje produz 1.616@/ano.

Relação custo x benefício

Conforme detalha Ruy Padula, gestor do projeto da Fazenda Santana do Rio Abaixo e consultor de vários outros pelo País, a área de 20 ha irrigados sustentou dois ciclos de engorda na safra 2017/2018. No verão (novembro a abril), foram terminados 160 machos (8 cab/ha), que ganharam 160 kg/cab nesse período de seis meses (pouco mais de 1 kg/cab/dia), chegando ao abate com 560 kg. Como o rendimento médio foi de 53%, cada animal ganhou na área 5,6@, que multiplicadas por 8 cabeças, dão 44,8@/ha. No segundo ciclo de engorda (maio a outubro), o projeto recebeu 180 novilhas (9 cab/ha), que engordaram 120 kg em seis meses (4@/cab/período), garantindo



mais 36@/ha. No cômputo geral, portanto, a área irrigada produziu 80,8@/ha. Ou seja, 6,45% da área da fazenda responderam por 56,5% de sua produção de arrobas, já que a produtividade nos demais 310 ha de sequeiro é de 4@/ha (1.240@/ano). Com o projeto, a produção total da fazenda passou de 4@, em 2013/2014, para 8,9@/ha, em 2016/2017.

A novidade ainda assusta a vizinhança. “Fomos chamados de loucos aqui no Mato Grosso do Sul”, relembra Gilmar. Seu filho, Hiury, não esconde certa mágoa. “No início, perguntavam se era um bom negócio; pareciam esperar que quebrássemos. Alguns ainda indagam se a área está com gado. Digo que tenho uns boizinhos lá pastando”, ironiza. Segundo Padula, a injeção de água com nutrientes diretamente nas raízes da forrageira permitiu a redução dos custos com suplementação. “Nossa média, hoje, é de 1,2 kg/cab/dia, o equivalente a 0,24% do peso vivo, contra 0,4% na área de sequeiro (2 kg/cab/dia). Como o capim irrigado tem mais proteína, isso torna o suplemento fornecido nessa área mais barato”, compara. Nos dois tipos de pasto, Hiury fornece suplemento energético nas águas (milho e núcleo) e proteinado na seca (milho, soja, ureia e núcleo).

Padula lembra que o crescimento do capim é menor na seca, devido ao clima e à menor luminosidade. Por isso, a área é pastejada nesse período do ano por novilhas (260 kg na entrada e 380 kg na saída), com intervalo maior entre pastejos (até 33 dias). Nas águas, a área também é irrigada, em dias mais secos e para adubação. “Buscamos oferta elevada de capim”, diz Padula. Com a produção de 80,8@/ha/ano e um valor médio de R\$ 136/@, o produtor faturou R\$ 10.988/ha/ano. O custo de produção foi equivalente a 22,25@ ou R\$ 3.026/ha (R\$ 1.808 relativos à adubação, R\$ 918 à suplementação e R\$ 300 à energia). Conclusão: a receita líquida no projeto atingiu R\$ 7.962/ha em 2017. Esse valor permitiria aos Izzo pagar os R\$ 16.000/ha que investiram no sistema e na infraestrutura para abastecê-lo (poço semiartesiana-

Gilmar José Izzo, com o filho, Hiury Emilio Izzo: “Fomos chamados de loucos por irrigar pasto”.



Dispositivos de com válvulas são a única parte visível do sistema, abastecido por um poço semiartesiano e um reservatório para 7 milhões de litros.

no, reservatório com capacidade para 7 milhões de litros e rede hidráulica para levar a água até o pasto) ao final de dois anos.

Visão de fora

O sistema de gotejamento subterrâneo ainda gera controvérsias. “Considero uma aberração investir R\$ 16.000-R\$ 20.000/ha em um projeto de irrigação de pastos, mas, se está dando retorno financeiro, tudo bem”. O comentário é do professor Fernando Braz Tangerino Hernandez, titular da área de hidráulica e irrigação da Faculdade de Engenharia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Ilha Solteira, SP. “Esse é o meu ponto de vista, mas o que importa é a satisfação do cliente”, completa. Hernandez admite, contudo, que o gotejamento subterrâneo é funcional para a pecuária brasileira no mesmo nível do pivô central e da aspersão convencional (pequenos aspersores e/ou canhões com carretel). “O gotejamento funciona muito bem. A restrição que faço é quanto à disponibilidade de mão de obra qualificada



na fazenda para fazer acompanhamento e manutenção. O rigor operacional é muito grande. O monitoramento da vazão é essencial. Como a estrutura é subterrânea, não podemos vê-la funcionando e podem ocorrer entupimentos”, lembra.

O professor da Unesp recomenda ao pecuarista interessado em irrigação de pastagens procurar uma “empresa séria” para a devida orientação. “Não estou falando das fabricantes de irrigação, pois elas vão tentar vender o que produzem, mas, sim, das revendas especializadas. Loja de material de construção não faz projeto de gotejamento subterrâneo, assim como não se compra pivô na loja da esquina”, argumenta. De acordo com o professor, além do acompanhamento de um especialista de confiança, o pecuarista deve considerar quatro itens, que, segundo ele, são determinantes para bons resultados na irrigação: uniformidade na quantidade de água aplicada; correto suprimento das necessidades de evapotranspiração; montagem correta e eficiente, além do uso de equipamentos de qualidade. ■

Meta de 10.000 bois “irrigados”

O projeto de irrigação da Fazenda Santana do Rio Abaixo foi montado com equipamentos adquiridos, em 2013, da John Deere Water, depois adquirida pela israelense Rivulis, que aposta no potencial de irrigação de pastagens no Brasil. Já são cinco projetos montados em 150 ha, com potencial para produzir no mínimo 1.500 bois/ano. Segundo Guilherme Ferreira e Souza, gerente comercial da companhia no Brasil, a meta é montar projetos para alojar 10.000 cabeças/ano até 2021. “Não focamos mais em área irrigada e, sim, no volume de bois produzidos em nossos projetos”, explica.

Engenheiro agrônomo e mestre em engenharia de água e solo, Souza admite que os custos (entre R\$ 14.000 e R\$ 20.000 por hectare implantado) “são altos”, mas diz que devem ser

compensados, com sobras, pelos resultados obtidos: “Temos um cliente no Rio Grande do Sul que, no auge dos seus 78 anos, prevê terminar 3.000 bois/ano em 150 ha de pasto. Ele conta que, na época de seu pai, algumas décadas atrás, seriam necessários 6.000 ha para alojar esse gado”.

Para evitar danos à tubulação, Souza recomenda aos produtores suspender a irrigação do piquete que será pastejado por dois dias, antes da entrada dos animais. “Isso mantém o sistema em segurança, evitando que o solo muito macio e o pisoteio afetem a estrutura enterrada”, explica. Além da Rivulis, outra empresa israelense comercializa equipamentos para irrigação por gotejamento no Brasil, mas não foi possível obter números sobre sua atuação no País, até o fechamento desta edição.